

Cem anos de transgeneridade: uma breve história de trans e travestis contada pelo Diário de Pernambuco¹

Alexander Sales Mendonça de MELO²
Nataly de Queiroz LIMA³
Centro Universitário Maurício de Nassau, PE

RESUMO

Este *paper* é resultado de uma pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso que teve como objeto de estudo o Diário de Pernambuco, o jornal mais antigo em circulação da América Latina, acerca de pessoas trans e travestis, num recorte histórico de cem anos de diferença. Selecionamos os anos de 1921 e 2021 a fim de analisar as possíveis semelhanças e diferenças nas matérias veiculadas sobre o tema, seguindo os aportes teóricos de Judith Butler, Berenice Bento, Nelson Traquina, entre outros. Apesar da escassez secular de material jornalístico sobre essa comunidade, ainda é possível mapear sua presença (TAYLOR, 2000), identificando os avanços e resquícios de preconceito ainda presentes no jornalismo moderno.

PALAVRAS-CHAVE: transgênero; jornalismo; estudos de gênero; teoria queer; visibilidade trans.

CORPO DO TEXTO

Introdução

A década de 1920 teve um peso progressista para a sociedade global, quando movimentos por direitos e celebrações marcaram os anos de ouro logo antes da Segunda Guerra Mundial. Neste período, iniciavam-se lutas significativas na sociedade moderna por direitos femininos, e em conjunto, as primeiras em favor das pessoas transgênero por meio do Instituto de Sexologia de Berlim fundado em 1919 por Magnus Hirschfeld⁴. Tendo em vista a importância científica destes estudos de gênero, e portanto sua relevância para o jornalismo (MALVA, 2020), nasce a dúvida sobre esta população em

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante 6º. semestre de Jornalismo da UNINASSAU, e-mail: alexandersmdm@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação pela UFPE, e-mail: queiroz.nataly@gmail.com.

⁴ *Institut für Sexualwissenschaft*, fundado por Magnus Hirschfeld. Informações (em alemão) disponíveis em: <https://magnus-hirschfeld.de/ausstellungen/institut-fur-sexualwissenschaft-1919-1933/>, acessado em 22 de nov. de 2022.

demais localidades, suas vidas e formas de sobrevivência num período desfavorável à suas existências e vazio de terminologias específicas. Algumas das perguntas que formaram o problema de pesquisa foram: onde estariam estes indivíduos no Pernambuco dos anos 20? E haveria então, mesmo indiretamente, algum sinal desta possível presença no mais antigo jornal impresso ainda em circulação da América Latina, o Diário de Pernambuco (DP)?

A pesquisa que originou este *paper* teve caráter exploratório, qualitativo. Baseamo-nos numa seleção de palavras-chave para cada trecho histórico. Em 1921, “travesti”, “transformista”, “transviado”, “invertido” e “afeminado”, termos utilizados na época para se referir a comunidade LGBTQIA+, mesmo num tom pejorativo, relacionados a diversidade de gênero ou a algo performático.

Em um segundo análise de caráter comparativo, observou-se num novo agrupamento de palavras-chave à mesma população no novo contexto cem anos depois (2021), entendendo suas diferenças e equiparações: “trans”, “transgênero” e “transsexual”, além de “travesti”, ressignificada ao decorrer do século.

A pesquisa foi realizada em arquivos digitais gratuitos: a Hemeroteca Digital Brasileira⁵ e o arquivo de publicações impressas do DP⁶.

Conectando gênero, transgeneridade e jornalismo

Ao início, precisa-se ter noções dos conceitos de gênero e transgeneridade e suas relações com o jornalismo.

A identidade de gênero, este conceito de autocompreensão atrelado ao desenvolvimento cerebral e social, é pensado, no senso comum, como algo ligado estritamente ao biológico, ao macho e à fêmea, numa dicotomia. Escrituras das mais antigas sociedades, ligadas tanto ao cotidiano quanto ao religioso vêm de encontro a esta concepção – diversidade de gênero sempre esteve presente entre nós, *homo sapiens*.

Judith Butler (1993) trata “gênero” como algo fixo, natural e diferente do sexo biológico. Porém, não é possível determinar um só fator exato para definir o gênero humano, pois se trata de uma construção multifatorial e pessoal para cada indivíduo, envolvendo ou não

⁵ “Hemeroteca Digital Brasileira”, encontrada no website: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

⁶ “Arquivo das publicações impressas do Diário de Pernambuco”, encontrado no website: <http://impresso.diariodepernambuco.com.br>.

a sua corporeidade biológica – a identidade de gênero é múltipla e deve ser compreendida como tal.

É inegável o quanto os sistemas sociais trabalham em favor da exclusão de tudo que fuja de sua norma nos diversos períodos históricos, esta que posiciona o homem branco, cisgênero e heterossexual acima dos demais. Em razão das discriminações de gênero e em especial da transfobia, àqueles que renegam a definição do que conforma um homem ou mulher – e além, indivíduos cuja identidade foge desta dualidade⁷, são tratados como bestialidades e são historicamente marginalizados.

O jornalismo pode ser descrito enquanto “espelho” e “termômetro” da sociedade, e seus jornalistas (também seres sociais), representam a sua vida e cultura dos meios em que estão inseridos (LAGE, 1991). Pode-se dizer que quando a sociedade em questão apresenta alguma discriminação a uma população, esta pode mostrar-se presente nas páginas de seus jornais.

Assim, a presença de transsexuais na mídia tradicional foi obscurecida pelos tabus ao redor do assunto, os impedindo de ir à frente e serem diretamente mencionados nas notícias do século passado. Isto pode ser considerado um erro jornalístico perante trans e travestis e perante o objetivo basilar do jornalismo, que se caracteriza pela democratização da informação e compromisso com a verdade, independentemente de ideologias e modos de governo (TRAQUINA, 2005).

Mas seria o presente século tão diferente, após décadas de lutas por direitos à existência enquanto o gênero que se identificam (e portanto, são)? Seria o ano de 2021 tão discrepante em comparação a 1921, dados os contextos sociais, políticos e científicos de cada época?

Um século de identidades: resultados e conclusões

O primeiro período analisado, o início da década de 1920, nesta pesquisa apresenta uma contradição: mesmo dada a relevância científica dos estudos sobre esta população, e portanto, seu valor de noticiabilidade, as pessoas trans e travestis só eram mencionadas em pautas de cunho artístico.

⁷ Uma pessoa trans é aquela cuja identidade de gênero diverge daquele determinado ao nascimento de acordo com seus órgãos reprodutores (a ideia de que mulheres são as que nascem com os cromossomos XX, e homens, XY). Sua identidade de gênero pode variar para além desta dualidade, e estes são chamados de não binários.

Neste recorte histórico, foram selecionadas palavras-chave populares que abrangem direta ou indiretamente os transgêneros, realizando buscas em arquivos digitais do DP, o mais longínquo jornal na América Latina em circulação. Menciona-se novamente a inexistência de formas exatas de tratamento a estas pessoas neste primeiro momento estudado, sendo necessário incluir aquelas com cunho pejorativo, a fim de ampliar chances de se obter resultados concretos. Em seguida, por questões de análise crítica e comparativa, foram selecionadas palavras-chave modernas que condizem com o meio pernambucano de cem anos à frente, em 2021.

Para o termo "**travesti**", Bruno Carvalho (2014, pg. 28), escreve: “a palavra já era utilizada desde os anos 1500 na França, sob o sentido de disfarçar-se. Na Inglaterra, no século seguinte, [...] vemos um fundo histórico para a associação da travestilidade com a vestimenta”. Após 1910, o termo passou a ser utilizado, também, como referência ao que futuramente se conectaria com a transgeneridade. Foram encontrados três resultados em 1921 no DP, aos quais dois faziam referência direta ao teatro, e o terceiro tratava de uma peça de roupa transversal.

Palavras-chave como “**invertido**”, “**transviado**” e “**afeminado**”, apesar de carregarem preconceitos no dito popular (alguém que inverte os padrões⁸, desvia do caminho dito “correto” e um homem considerado feminino) foram amplamente utilizados ao se tratar de pessoas cujos gêneros diferenciavam da cisnorma (MOURA e NASCIMENTO, 2021). Porém, no Diário de Pernambuco de 1921, não foi encontrado nenhuma referência aos termos. No entanto, em 1922, encontra-se menção a “afeminado” – trata-se de um trecho literário onde o termo se refere a um personagem masculino de feições suaves.

O segundo termo selecionado para este primeiro ano de análise foi “**transformista**”, este com valor aproximado à definição de “travesti”, algo performático e/ou teatral. Sabe-se o quanto o meio artístico é importante para aqueles pertencentes a sigla LGBTQIA+, que fazem destes espaços refúgios para expressassem genuinamente. Um exemplo na prática é o movimento *Ballroom* nos EUA, e no Brasil, este refúgio encontra-se também no movimento carnavalesco⁹. Não foram encontrados resultados no período pesquisado de

⁸ Citado na obra “O Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna, representado em minissérie da Rede Globo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PAAd-5ziyIM>, acesso em 8 de dez. de 2022.

⁹ “8 personalidades LGBTQIA+ fundamentais ao carnaval e à arte”, Carnavalize 2020. Disponível em: <http://www.carnavalize.com/2020/06/orgulho-8-personalidades-lgbtqia.html>, acesso em 8 de dez. de 2022.

1921, mas em 1920, num anúncio para um espetáculo de um mágico que se apresentaria no Teatro do Parque.

Voltando-se para o Diário de Pernambuco do século XXI: com a presença de terminologias diretas para denominar indivíduos cujo gênero difere daquele designado ao nascimento, é possível apontar diretamente para esta população que no decorrer do tempo, fez-se presente e provou sua relevância social, e portanto, jornalística. Para a realização da pesquisa neste trecho, foram selecionadas palavras-chave de conhecimento comum a esta população.

O termo “**travesti**” aqui ganha sua roupagem moderna enquanto “pessoa de identidade trans feminina”. Este que antes carregava um peso negativo, passa por um processo de ressignificação e se torna objeto de orgulho (SILVA, 2019). Houveram três aparições do termo em 2021: duas mostras para visibilidade trans e uma coluna sobre as violências sofridas pela população.

Sobre “**trans**”, “**transsexual**” e “**transgênero**” – todas compartilham da mesma definição, quem não se identifica com o gênero designado no nascimento. Porém, uns são mais utilizados que outros no dia-a-dia pernambucano: não houve menções a “transgênero” no recorte; “transsexual” foi mencionado três vezes, sendo dois sobre os recentes assassinatos de pessoas trans no Brasil. Já “trans” foi bastante utilizado nas páginas do DP: com nove menções, sem contar as suítes de duas das notícias. Oito destas aparições tratavam de alguma violência sofrida, seis delas especificamente sobre assassinatos.

Uma das questões levantadas na pesquisa referenciada neste *paper*, tendo em vista os dados coletados em mãos, é como seria possível corrigir os erros do passado e do presente. Observa-se no primeiro período, como dito anteriormente, uma sociedade com poucas pesquisas científicas e debates públicos sobre o tema, o que possível se relacionava a ausência de uma terminologia própria para definir tais humanos, estes que sofriam por invisibilidade nos espaços em que viviam e nas mídias tradicionais, sentindo-se então pressionados a viver uma vida reprimida e suscetível a violências.

No segundo recorte, já neste século, as lutas de trans e travestis conquistam novos espaços. Porém, a maioria das notícias coletadas retrata, e portanto, forma opiniões sobre pessoas trans como majoritariamente vítimas de violências. É inegável a atual visibilidade da população e o desenvolvimento ao noticiar os tais com respeito, mas ainda há lacunas

no tratamento destes indivíduos como cidadãos comuns, que podem estampar jornais também com feitos e vitórias, não apenas em seus sofrimentos.

Ao fim, após um século, ainda se enxerga um longo caminho a percorrer ao tratar de trans e travestis no jornalismo pernambucano, através do DP. Se sente também uma falta de jornalistas transgênero nas redações Brasil e mundo afora para contarem suas histórias, além de outras mais, todas as quais um jornalista em compromisso com a verdade pode (e deve) contar.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2012 (2ª edição).

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Roudedge, 1993.

CARVALHO, Bruno. **“Tá pensando que travesti é bagunça?”** Repertórios sobre travestilidades, em contextos de criminalidade, por jornais de Pernambuco. Recife: UFPE, 2014.

MALVA, Pamela. **Pioneirismo trans: Dora Richter, a primeira pessoa a fazer cirurgias completas de troca de gêneros**. Aventuras na História, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/pioneirismo-trans-dora-richter-primeira-pessoa-fazer-cirurgias-completas-de-troca-de-generos.phtml>, acesso em 16 de abril de 2022.

MELO, Alexander. **Cem anos de transgeneridade: uma breve história de trans e travestis contada pelo Diário de Pernambuco**. Recife: Uninassau, 2022.

MOURA, Renan; NASCIMENTO, Rejane. **O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Feministas, 2021.

LAGE, Nilson. **Jornalismo, memória, história e linguagem no Brasil – 1955/1990**. Florianópolis: UFSC, 1991.

TAYLOR, Melanie. **Changing subjects: transgender consciousness and the 1920s**. York: The University of York, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume I: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005 (2ª edição).

SILVA, Geisson. **O uso do nome social para trans e travestis**. Ijuí: III Congresso Ciências Criminais e Direitos Humanos, 2019.